

## Trauma e Memória: Algumas notas sobre Cruelty and Silence (War, Tyranny, Uprising and the Arab World)\*

Gabriel Romero Lyra Trigueiro\*\*

### Considerações iniciais

Um nome razoavelmente conhecido nos círculos intelectuais da esquerda norte-americana é Kanan Makiya, acadêmico iraquiano<sup>1</sup> vinculado à Brandeis University. Makiya leciona sobre tópicos relacionados à religião islâmica e ao Oriente Médio. Obteve notoriedade com a publicação em 1989 de seu livro *Republic of Fear*. Trata-se de uma obra de referência para a compreensão da real natureza política do regime Baath iraquiano. Quando *Republic of Fear* foi lançado no mercado editorial, Makiya se viu forçado a assinar com o pseudônimo Samir al-Khalil. Foi somente a partir de 1991 que o escritor passaria a utilizar seu verdadeiro nome. Como ele recorda:

I was attacked for writing Republic of Fear under a false name. To some, the pseudonym Samir al-Khalil was confirmation that I could only be a Mossad agent, or “an Iraqi Jew.” The facts are more prosaic: neither I nor anyone from my family has been hurt by the Iraqi Ba’th, and writing under a pseudonym was the most practical way of ensuring that things stayed that way. (MAKIYA, 1993, p.19)

Ainda que inegavelmente *Republic of Fear* seja seu trabalho de maior destaque, ocupei-me aqui da análise dos argumentos contidos em *Cruelty and Silence: War, Tyranny Uprising and the Arab World*. Trata-se de um livro particularmente interessante, no qual Makiya investiga os eventos ocorridos no período imediatamente após a Guerra do Golfo, no início da década de 1990, no Iraque. A primeira edição do livro foi publicada em 1993, e não é sem interesse que o autor nota que se o mesmo tivesse sido escrito e publicado durante a década de 1980 – segundo ele “(...) in that 1980s atmosphere of mistrust and personal isolation.” –, as coisas teriam sido bem mais difíceis para ele.

---

\* Artigo recebido em outubro de 2012 e aprovado para publicação em janeiro de 2013.

\*\* Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense.

<sup>1</sup> Em 198, Kanan Makiya obteve também cidadania britânica.

**[TRAUMA E MEMÓRIA: ALGUMAS NOTAS SOBRE *CRUELTY AND SILENCE (WAR, TYRANNY, UPRISING AND THE ARAB WORLD)* \* GABRIEL ROMERO LYRA TRIGUEIRO**

A obra de Makiya é organizada em dois momentos sequenciais: (i) crueldade e (ii) silêncio. No primeiro, há a documentação e a análise da insurgência de árabes e curdos que teve início assim que o Iraque foi expulso do Kuwait pelas forças de coalizão lideradas pelos EUA. Tão logo rebeldes xiitas e curdos se rebelaram contra a autoridade ditatorial do governo de Saddam, houve uma repressão brutal dos insurgentes. Na verdade, o que ocorrera não ficou circunscrito à repressão de rebeldes combatentes – ainda que esta tenha sido a justificativa oficial do governo iraquiano. Makiya demonstra em seu livro, através de farta documentação, que ocorrera a matança indiscriminada de inocentes. Estamos falando aqui de população civil não-combatente. A respeito da documentação acessada, o autor discorre:

Homes were opened up to me, personal letters were passed on, newspapers were clipped and complicated interviews arranged. I was entrusted with sensitive government documents, with names that were not to be revealed, with family secrets, with the stories of terrible things that people were compelled to do. (MAKIYA, 1993, p.9)

É se valendo dos testemunhos de sobreviventes e demais atores envolvidos no que fora chamado de *Anfal*<sup>2</sup>, que o autor documenta o método de ação da ditadura iraquiana. No segundo momento, Makiya discorre sobre aquilo que chama de “silêncio” dos intelectuais árabes que pretensamente deveriam se manifestar a respeito. Estes intelectuais árabes a que o autor se refere, não são somente os que residem em países árabes, mas também acadêmicos e jornalistas que estão vinculados a instituições ocidentais – universidades, *think tanks*, editoras, jornais etc. A seguir, um esclarecimento se faz necessário. Optei neste artigo por focar nos argumentos contidos no primeiro capítulo de *Cruelty and Silence*. Esta opção se justifica na medida em que o *modus operandi* adotado por Makiya no primeiro capítulo pouco difere do adotado nos capítulos subsequentes. Ademais, se eu optasse por incluir na presente análise os demais segmentos, passaria a correr um forte risco de ser redundante. Como o caráter destas breves notas é essencialmente introdutório, creio ter selecionado um material representativo da proposta esboçada por Makiya. Se o leitor se sentir motivado a fazer sua própria leitura de *Cruelty and Silence*, certamente o propósito deste artigo terá sido cumprido com êxito.

---

<sup>2</sup> Isto é, a campanha genocida perpetrada pelo governo de Saddam, direcionada aos curdos e a algumas outras minorias étnicas.

Antes, porém, de dar início à análise de *Cruelty and Silence: War, Tyranny Uprising and the Arab World*, convém destacarmos a recepção obtida por *Republic of Fear*, ainda em meados da década de 1980. Segundo Makiya:

Republic of Fear was finished em 1986. It took a long time to get published strange as it may seem now, only a short while ago very few people were willing to believe that things were that bad inside Iraq. Many a reader or editor found the manuscript “biased and one-sided,” not scholarly enough, or excessively polemical. I still wince from the memory of being rejected by one publisher because the most eminent Arab scholar of modern Iraq in the United States reported that the book “insults” the people of Iraq. Because of Saddam Husain, however, I ended up with something as close to a best-seller (...) (MAKIYA, 1993, p.17)

Segundo Makiya, foi preciso ter tido início a Guerra do Golfo para que intelectuais árabes passassem a criticar abertamente o regime iraquiano. Todavia, o autor nota que, mais que direcionar críticas ao regime Baath, o foco usualmente recaía sob a figura de Saddam. Isto é, segundo a interpretação de Makiya eles desconsideravam os aspectos sistêmicos do problema e particularizavam um estado de coisas que na verdade era de natureza estrutural. O autor prossegue:

The real catastrophe, however, (...) was the mind-set exhibited by the intelligentsia of the Arab world, particularly those originating in countries east of Egypt. The support for Saddam among the most cosmopolitan, secular, and westernized stratum of Arab intellectuals – in particular the most sophisticated group among them, the Palestinians – was extraordinary in its breadth and depth. It is one thing for a Palestinian in the Occupied Territories who is being humiliated daily by the Israeli military authorities to feel a sudden surge of sympathy for “the dark-skinned knight on his white horse,” as that wonderful exception, the Palestinian writes Emile Habibi, satirized Saddam; it is something else entirely for the growing number of journalists, writers, or professors in Western universities who think of themselves as “Arab” or “pro-Arab” to be uttering the same sentiments in support of a brutal tyrant and in the full knowledge of what he was doing to fellow Arabs. During the first flush of the Gulf crisis, an Arab cultural malaise which has been many years in the making, and which is best symbolized by the emergence of Saddam Husain himself erupted forcefully onto the center stage of Arab politics. (MAKIYA, 1993, p.18-19.)

Segundo Makiya, o argumento central de seu *Republic of Fear* era demonstrar que, durante a década de 1970, o regime Baath iraquiano possuía mais paralelos com a União Soviética stalinista e com a Alemanha nazista do que com as demais ditaduras

**[TRAUMA E MEMÓRIA: ALGUMAS NOTAS SOBRE *CRUELTY AND SILENCE (WAR, TYRANNY, UPRISING AND THE ARAB WORLD)* \* GABRIEL ROMERO LYRA TRIGUEIRO**

que existiam no chamado Terceiro Mundo durante aquele período. Para o autor, não se tratava meramente de um regime ditatorial, mas sim de um regime totalitário<sup>3</sup> Algumas questões se colocavam, portanto:

What actually happened in Iraq over the last twenty years? Accepting the broad lines of the argument in *Republic of Fear* has implications which go far beyond Iraq, extending to the whole Arab world. Arab intellectuals wanted to avoid those implications during the Gulf crisis. (MAKIYA, 1993, p.19.)

Em março de 1991, durante a insurgência de alguns iraquianos contra Saddam Hussein, Makiya participou de um simpósio público, organizado pelo Centro de Estudos do Oriente Médio, vinculado à universidade de Harvard. É particularmente interessante notar que, já neste momento, Makiya advogava uma mudança de regime com relação ao Iraque. Ele conclamava aos aliados para que substituíssem o regime Baath por um governo transicional. Segundo ele:

The scale of the Iraqi defeat carries with it a historic opportunity for a new beginning, one likely to shape the region's politics in less than a generation. But first the allied forces must openly recognize and work with the Iraqi insurgents... and march into Baghdad... [A] strategic political leap equal to the scale of the war itself is required. What would have happened if the US had withdrawn from Europe after World War II, with no commitment to democracy and economic reconstruction? (MAKIYA, 1993, p.20.)<sup>4</sup>

Aqui é interessante notar que Makiya foi um dos mais fervorosos apologistas da Guerra do Iraque de 2003<sup>5</sup>. Apesar da leitura feita por seus opositores, o fato é que não houve qualquer incoerência de sua parte. Pelo menos desde a década de 1990 que ele dirigia esforços no sentido de denunciar as iniquidades cometidas pelo governo de Saddam. Ademais, Makiya sempre deixou claro que o foco do problema residia na natureza do regime Baath, não se tratava apenas de circunscrever a questão ao ditador de turno. Havia uma questão estrutural em jogo

---

<sup>3</sup> Uma boa alternativa para a compreensão deste conceito é a leitura de *Totalitarianism*, livro escrito por Abbott Gleason – historiador vinculado à Brown University. Trata-se de um balanço historiográfico que abarca desde as origens fascistas da expressão, passa pelas apropriações dadas pelo léxico político da Guerra Fria e chega aos dias de hoje.

<sup>4</sup> Transcrito na edição de 27 de março de 1991 do New York Times.

<sup>5</sup> Duas análises interessantes de Makiya a respeito da reação árabe e norte-americana ao 11 de setembro podem ser lidas aqui: <http://www.dissentmagazine.org/article/?article=596> e aqui: <http://www.dissentmagazine.org/article/?article=526>

Acessado em: 14 de janeiro de 2012.

Com relação à responsabilidade norte-americana na condução da primeira Guerra do Golfo, o argumento de Makiya é claro. Ele reconhece que, a princípio, os EUA não possuíam qualquer tipo de obrigação de deslocar soldados para qualquer região do Oriente Médio que não representasse uma ameaça imediata aos cidadãos americanos. O autor argumenta inclusive que, em outros momentos, segundo a conveniência de Washington, a relação dos EUA com o Iraque de Saddam fora tão amistosa quanto era possível ser<sup>6</sup>. No entanto, uma vez que havia sido iniciada uma intervenção militar, a consequência disto, para Makiya, seria o *comprometimento* norte-americano com a libertação do povo iraquiano. Expulsar Saddam do Kuwait soava como uma solução meramente parcial do problema. A questão, na verdade, era bem mais complexa.

Makiya, todavia, discorre a respeito da reação de alguns intelectuais árabes não-iraquianos à sua proposição de uma mudança de regime conduzida pela coalizão liderada pelos EUA. Ele menciona, por exemplo, uma matéria publicada no *Al-Quds al-'Arabi*, um jornal árabe de periodicidade diária. Segundo ele recorda:

Al-Quds al-'Arabi decided to publish an “Exposition and Discussion of the Ideas of Kanan Makiya” following the U.K. showing of the documentary *The Road to Hell*, in which I reported on the organized mass murder of more than 100,000 Kurdish civilians between February and September 1988 (see chapters 4 and 5 of this book). The article, written by the Syrian Subhi Hadidi, appeared under two subheadings: “How Did the Book ‘Republic of Fear’ Become a Legend?” and “Out of Despair Comes Mental Pandemonium.” Hadidi’s purpose was to show that Samir

---

<sup>6</sup> É Samantha Power quem descreve com argúcia a postura norte-americana com relação ao Iraque de Saddam, em meados da década de 1980: “Os Estados Unidos horrorizavam-se com a perspectiva de as reservas de petróleo iraquianas caírem nas mãos do aiatolá Khomeini; temiam que o Islã radical desestabilizasse os governos pró-americanos na Arábia Saudita e emirados do Golfo. Assim, a cada vitória iraniana no campo de batalha, os Estados Unidos aproximavam-se mais do Iraque – uma aproximação que influenciou tremendamente na resposta americana às atrocidades subsequentes de Hussein contra os curdos (...) os Estados Unidos acabaram por aliar-se ao genocida. Receando ver uma vitória iraniana, o governo Reagan começou, em dezembro de 1982, a intervir para contrabalançar os ganhos do Irã. No que o secretário de Estado George Schultz denominou “uma forma limitada de política de equilíbrio de poder”, os Estados Unidos forneceram ao Iraque inicialmente 210 milhões de dólares em crédito agrícola para comprar grãos, trigo e arroz dos EUA por intermédio da CCC. Esse valor logo aumentou para 500 milhões de dólares por ano. Os créditos eram essenciais porque a péssima classificação de crédito do Iraque e sua alta taxa de inadimplência tornavam os bancos relutantes a emprestar dinheiro ao país. Os Estados Unidos também deram ao Iraque acesso a créditos de importação-exportação para compra de produtos industrializados fabricados nos EUA. Depois que Bagdá expulsou o grupo terrorista Junho Negro de Abu Nidal, os Estados Unidos tiraram o Iraque de sua lista de países patrocinadores do terrorismo. Em novembro de 1984, Estados Unidos e Iraque reataram relações diplomáticas, que haviam sido cortadas durante a guerra árabe-israelense de 1967. Autoridades americanas tinham conhecimento detalhado da prática de tortura e execuções por Hussein, mas os Estados Unidos não podiam dar-se o luxo de permitir que o Irã o derrotasse. (POWER, 2004, p. 211-212.)

**[TRAUMA E MEMÓRIA: ALGUMAS NOTAS SOBRE *CRUELTY AND SILENCE (WAR, TYRANNY, UPRISING AND THE ARAB WORLD)* \* GABRIEL ROMERO LYRA TRIGUEIRO**

al-Khalil, “this rising star of the Iraqi opposition” who called on the Allied forces to finish the war and take out the Iraqi dictator, was a creation of the Western media. His light will fade, the article implied, as his true Shi‘ite sectarian colors become pronounced.

Although the article’s banner headline proclaimed it to be an exposition of ideas, at no point did it address the argument of Republic of Fear. Hadidi wrote that he did not have the space to go into it. But a lot of things can be said in two whole pages of a daily newspaper (approximately 3,200 words). What else, one might reasonably ask, was there to write about? Moreover, there was not one word in Hadidi’s two-part article on the terrible allegations made in that documentary. How important is the fact that at least 100,000 innocent Iraqi men, women, and children were trucked from their villages to their deaths over a six-month period in 1988? How important is it that since 1975, no less than 3,500 Kurdish villages have been demolished by the Iraqi government in the name of Arabism? (MAKIYA, 1993, p.20-21.)

Makiya recorda ainda a péssima avaliação que Edward Said concedeu a *Republic of Fear*.

(...) the most prominent Arab intellectual in the Western hemisphere, criticized Republic of Fear as a Project serving to “advance the thesis that the feuds and violence in the Middle East are due to, relatively speaking, prehistoric causes, inscribed in the very genes of these people [Arabs].” Samir al-Khalil, he said in an interview on the role of intellectuals during the Gulf war, is a “guinea pig witness,” who functioned as a “native informant” serving the interests of American policymakers. (MAKIYA, 1993, p.21.)

Não é arriscado dizer que um dos principais objetivos de *Cruelty and Silence* foi se insurgir contra a noção de que o estado de coisas no Oriente Médio era mero *efeito* de políticas ocidentais. O argumento que perpassa todo o livro de Makiya é o de que a crise do Golfo ocorrida no início da década de 1990 foi *sintoma* de uma “falha moral de proporções históricas”. Todavia para o autor esta “falha moral” teria sido um problema endógeno. Isto é, não se tratava de responsabilizar “manipulações estrangeiras” pelo que ocorrera naquele momento. Makiya argumentava que utilizar este tipo de discurso rebaixava o mundo árabe a mero brinquedo nas mãos de potências estrangeiras. Se de fato a sociedade iraquiana não estava imune à ingerência externa, também estava longe de ser mero sujeito passivo no sistema internacional. Para Makiya algo errado estava ocorrendo no mundo árabe. Tratava-se agora de lançar uma investigação a fim de compreender o que estava havendo. Os sintomas já eram conhecidos. Bastava agora ir ao encontro das causas primárias. Embora, é claro, não se tratasse de algo fácil. Para Makiya:

The Gulf crisis was never simply a matter of foreign manipulation or of the evil man playing the demagogue; it was at bottom an Arab moral failure of historic proportions, for which everyone who cares for the future of this part of the world must feel personally responsible. Something, somewhere along the line, has gone profoundly wrong in the Arab world; Saddam Husain merely typified it and acted it out. In this book, I do not claim to have fully explained what went wrong; my purpose is to acknowledge and describe it. Amidst the tempest of emotions released by the Gulf war, *Cruelty and Silence* was conceived with this in mind. (MAKIYA, 1993, p.22.)

Como dito anteriormente, *Cruelty and Silence* é dividido em duas partes – de acordo com o título: crueldade e silêncio. Com relação ao entendimento que Makiya tem de “crueldade”, ele elucida:

While cruelty and violence overlap, they are not the same. Violence can be justified according to the ends that it pursues (for instance, as an act of self-defense). There can be violence between equals. Cruelty, on the other hand, can never be justified because it is the intentional infliction of physical pain on individuals who are in a position of weakness. For there to be cruelty, there has to be subjugation and powerlessness in some form. Psychological or social cruelty is beyond the scope of this book, but to a large extent both follow from—and feed into—physical cruelty. The violation of the human body by force or with an instrument of some kind has a visceral irrational and irrevocable quality about it. It is the bedrock under all the layers of horrible things that human beings do to one another. (MAKIYA, 1993, p.22.)

Na verdade, uma das principais questões formuladas por Makiya é: houve um aumento da crueldade no mundo árabe nas últimas duas décadas? Se a resposta for afirmativa, que novas formas ela assumiu? Para Makiya não há dúvidas de que durante a década de 1980 houve sim um crescimento da crueldade praticada pelo governo de Saddam. Houve de fato uma sucessão de eventos que contribuiu para o colapso do já fragilizado tecido social iraquiano: o último ciclo da invasão, ocupação, guerra e a insurgência contra o regime Baath – que fora brutalmente massacrada pelas tropas de Saddam. No momento que antecedeu o massacre, houve uma esperança generalizada do povo iraquiano de que afinal haveria a queda do regime Baath. Makiya recorda a importância deste momento para si, na coleta de depoimentos para a confecção de seu livro. Segundo ele:

**[TRAUMA E MEMÓRIA: ALGUMAS NOTAS SOBRE *CRUELTY AND SILENCE (WAR, TYRANNY, UPRISING AND THE ARAB WORLD)* \* GABRIEL ROMERO LYRA TRIGUEIRO**

One of the most closed countries in the world had been opened up, and virtually every Arab, for a brief moment, had something urgent to say on the subject. Most importantly, the victims of cruelty were beginning to speak, and to tell stories, as they had never done before. I wanted all those new words that were tumbling out to write this book for me. The first part of the book, therefore, is by far the most important; it is a journey through that cruelty told in the words of individuals who experienced it as first hand. My role was to turn the words of the heroes of this book – Khalil, Abu Haydar, Omar, Mustafa, and Taimour – into stories, tales of the otherwise impossible-to-believe things that we human beings are capable of doing to one another. (MAKIYA, 1993, p.23.)

Com efeito, o aspecto mais interessante do livro é a reunião dos depoimentos mencionados por Makiya. No entanto é preciso destacar a forma com a qual ele se refere aos seus entrevistados: “heroes of this book”. Ainda que o autor não mencione, o que ele faz na primeira parte do livro é lançar mão de uma metodologia de História Oral na coleta e análise dos testemunhos. Ainda que renunciemos à pretensão cientificista da busca da completa isenção e imparcialidade do tratamento das fontes, há que se reconhecer a natural suspeição que acomete o leitor ao se deparar com essa expressão laudatória: “heroes of this book”. Bom, de fato há um inequívoco tom apologético permeando toda a primeira parte do livro. Isto é, Makiya conduz suas entrevistas demonstrando clara simpatia (eventualmente, reverência) aos seus entrevistados. O ponto, no entanto, é que este tipo de abordagem não se configurou em qualquer tipo de problema durante a minha análise – uma vez que esta característica da obra foi, a todo tempo, autoevidente. Um exemplo que corrobora com esta assertiva é o excerto que se segue:

In this fight, I seek to be fair, but I do not claim to be impartial. My purpose is not personal, but my style is. I want to tap at the roots. I want to reach into the emotional heart of things instead of staring uselessly at intellectual mirrors. In the meantime, the graves of the dead are still open in the Arab world. (MAKIYA, 1993, p.26-27.)

Com relação às pessoas que são entrevistadas por Makiya, cabe um breve comentário a respeito de cada. Khalil, cidadão do Kuwait, presenciou a ocupação por parte do Iraque e foi transformado pela experiência. Ele próprio foi em busca do escritor Kanan Makiya, no verão de 1991, a fim de registrar seu testemunho. O resultado deste encontro é o primeiro capítulo de *Cruelty and Silence*. Abu Haydar é um ex-oficial do exército iraquiano nascido na cidade de Najaf. Em março de 1991 decidiu se insurgir contra o regime de Saddam. Como Makiya descreve:



The story of his intifada is told in the form of a collage of Iraqi voices. The rebels were cruel to their erstwhile tormentors. In their own words, they tell of the things that they did. Still, I believe they struck a blow for freedom in Iraq. In the wake of their failure, Najaf and Kerbala were sacked as no Iraqi city has been sacked since the Mongols took Baghdad in 1258. Even as I write, the Ba'th are trying to rebuild them, as they rebuilt Babylon, in their own image. (MAKIYA, 1993, p.23.)

Omar é um jovem engenheiro que passou 42 dias detido em uma prisão localizada em Bagdá. A análise de seu testemunho é instrutiva na compreensão da natureza do frequente terror de Estado empregado pelo regime Baath. É com interesse que se lê os depoimentos de Mustafa. Seu encontro com Makiya se deu em novembro de 1991. Mustafa foi o responsável pela construção de um monumento em homenagem à memória dos 68 curdos mortos, em um ataque com gases químicos na vila de Guptapa, feito em 1988 pelo governo de Saddam. Dos 68 mortos, 25 possuíam laços de parentesco com Mustafa. O que, claro, imprime contornos ainda mais dramáticos ao seu relato. Quanto a Taimour, Makiya relata:

I first saw the Kurdish boy Taimour in a videotape clip passed on to me in August 1991. He was sitting cross-legged on the floor, talking about how he had survived execution by a firing squad in August 1988. His father, mother, and three sisters were not so lucky. Thirteen months after the Iraqi invasion of Kuwait, like everyone else, I was growing immune to Ba'thi atrocity stories. But there was something different about this one. Maybe the difference registered because of a wad of paperwork which I had been given a few days before seeing the tape. These were copies of official documents captured by Kurdish insurgents during the March 1991 uprising. Their significance had hitherto been ignored. The paperwork and the videotape became inextricably connected in my mind. The connection had a name: the campaign of mass murder (mentioned earlier) conducted by the Iraqi army between February and September 1988. (MAKIYA, 1993, p.23-24.)

É particularmente interessante a forma com a qual Makiya lida com os eventuais silêncios de seus entrevistados. O autor recorre a uma citação de Primo Levi, que se aplica à perfeição ao caso do Iraque.

Almost all the survivors [of the Holocaust], orally or in their written memoirs, remember a dream which frequently recurred during the nights of imprisonment, varied in its detail but uniform in its substance: they had returned home and with passion and relief were describing their past sufferings, addressing themselves to a loved one, and were not believed, indeed were not even listened to. In the most typical (and cruelest) form,

**[TRAUMA E MEMÓRIA: ALGUMAS NOTAS SOBRE *CRUELTY AND SILENCE (WAR, TYRANNY, UPRISING AND THE ARAB WORLD)* \* GABRIEL ROMERO LYRA TRIGUEIRO**

the interlocutor turned and left in silence. (MAKIYA, 1993, p.24-25.)<sup>7</sup>

O argumento de Makiya é que se “a crueldade é individual, o silêncio é coletivo”. O silêncio, segundo o autor, é produto das ações conscientes ou inconscientes de diversos indivíduos agindo como grupo. Para o autor, romper com o silêncio, portanto, torna-se uma forma de lidar com o legado de crueldade produzido pelo regime Baath iraquiano – ainda que para tanto seja necessário agir de forma coletiva. O ponto principal de Makiya é o de que enquanto as crueldades relatadas na parte 1 de *Cruelty and Silence* estavam em curso, “the Arab intellectuals who could have made a difference if they had put their minds to it were silent”. Mais adiante Makiya discorre sobre o que ele chama de *política de silêncio*:

Like cruelty, the silence of Arab intellectuals is not immutable. Many sensitive Arab minds are profoundly aware of how deep the intellectual and cultural malaise inside the Arab world became during the 1980s. I will constantly be referring to what they have to say. The main point of this book is that the collective Arab silence toward the cruelties that are so often perpetrated in the name of all Arabs originates from many years of thinking in a certain way; it is, therefore, not as essentialist or an unchangeable condition; it is a politics of silence. During the Gulf crisis, the form that this politics of silence took was the myth of Saddam as some kind of savior, and its mirror image, the idea that the crisis and ensuing war grew out of the machinations of Western racism or imperialism. (MAKIYA, 1993, p.25.)

É importante notar o caráter *voluntário* daquilo que Makiya chama de política de silêncio. Para o autor, muitos intelectuais árabes tinham perfeita consciência de que havia algo “terrivelmente errado no interior do mundo árabe”. O problema, entretanto, foi que eles optaram deliberadamente por não se manifestar a respeito – e como Makiya acentua: “especially not before a Western audience”. *Cruelty and Silence*, portanto, investiga o que Makiya chama de “crise moral” do mundo árabe. Mais que isso, a investigação que se dá é a respeito do comportamento de alguns intelectuais diante desta mesma crise. Como o autor enuncia:

Many Arabs knew that something had gone terribly wrong inside the Arab world, but they chose not to speak out, especially not before a Western audience. This kind of intellectual thus became part of the

---

<sup>7</sup> Segundo Makiya, a citação é retirada de LEVI, Primo. *The Drowned and the Saved* (New York: Vintage Books, 1989), p. 12.

problem, instead of spearheading its solution. In times of moral crisis, silence turns into acquiescence. The abdication of intellectual responsibility is greater among such Arabs than it is among those who don't see the problem in the first place; it is greater precisely because they know better. (MAKIYA, 1993, p.25.)

Com relação à metodologia utilizada no exame da política de silêncio levada a cabo por alguns intelectuais árabes, o autor explicita:

The flood of articles and statements written by these intellectuals in the first year and a half of the crisis, elaborating upon the myth, are therefore my prime source in depicting this politics of silence. Pseudo-scientific generalizations and abstractions hide too many sins; silence has its own concrete language, which needs to be illustrated. In any case, by naming names, and quoting what people said and thought, I expose myself as much as I expose those I am criticizing. Some people changed or moderated their opinions after the full scale of the Iraqi military debacle became clear. Some are today talking out of both sides of their mouth at the same time, which suggests that the passions that led to those articles and statements in the first place did not always change. Those emotional wellsprings, not the individuals themselves, lie at the center of my critique. (MAKIYA, 1993, p.25-26.)

A seguir segue o exame da entrevista concedida por Khalil a Kanan Makiya.

### **Sobre Khalil**

Makiya começa narrando o retorno de Khalil à sua própria casa, que fora tomada pelo exército iraquiano durante a ocupação do Kuwait. Por sete meses Khalil vivera sob uma falsa identidade. Com a expulsão das tropas iraquianas pela coalizão liderada pelos EUA, finalmente poderia voltar à antiga e luxuosa casa que fora de sua família. Não foi sem espanto que ao retornar avistou a seguinte frase grafada em árabe, em uma das paredes de sua sala de estar: “Would that my mother had not brought me into this world to have to live through the anguish of these times. – Abu Haydar, January 17, 1991. Em outra parede, Abu Haydar havia escrito: “To my son and daughter, who are dearer to me than anything else in this world.” Como Makiya argumenta:

Nothing else is known about Abu Haydar, not even whether or not he survived the mad rush out of Kuwait City when the order finally came from Baghdad to withdraw on Monday night, February 25, 1991. (MAKIYA, 1993, p.31.)

**[TRAUMA E MEMÓRIA: ALGUMAS NOTAS SOBRE *CRUELTY AND SILENCE (WAR, TYRANNY, UPRISING AND THE ARAB WORLD)* \* GABRIEL ROMERO LYRA TRIGUEIRO**

É interessante notar a presença de um tom de *culpa*, nas palavras de Abu Haydar. Certamente não seria um caso isolado na imensa literatura que trata de memória, trauma e situações-limite. Funcionários a serviço de um regime repressivo não agem como autômatos, afinal. Talvez soe como um lugar-comum, mas é preciso lembrar que estamos tratando aqui de seres humanos, portanto, estamos nos referindo a criaturas capazes de conjugar toda sorte de contradições, paradoxos e ambiguidades imagináveis. Devemos, entretanto, voltar ao exame dos relatos de Khalil. Segundo ele, ao retornar à sua casa, havia metade de uma carcaça de ovelha comida no chão da sala e vestígios de sangue por todos os lados. De acordo com ele, aparentemente o animal havia sido abatido e superficialmente cozido no segundo andar de sua casa. Aparentava logo depois ter sido arrastado para a sala de estar, no primeiro andar. Ainda na sala de estar, havia excrementos em grande quantidade. Segundo Khalil calculou, aparentemente os soldados iraquianos que ocuparam a casa de sua família decidiram utilizar uma determinada parte da sala como um sanitário improvisado. É em meio a esta profusão de registros que Khalil nos provê uma útil descrição do grau de dificuldade em lidar com suas memórias no depoimento conduzido por Makiya:

Some of these memories are really horrible. So revolting, my subconscious just wants to suppress them. Before even dealing with them, I need to come up with a mechanism, a system, for bringing them out. It is as though I need to seduce this information to come out. In a sense I need to find a way of telling the memories: "It is okay to come out. I can face up to you again. You are unable to harm me." (MAKIYA, 1993, p.32.)

Ainda a respeito das implicações decorrentes da metodologia adotada por Makiya, é interessante destacar o desconforto sentido pelo autor ao escutar determinadas questões levantadas por seu interlocutor. Ressalto este desconforto, porque é instrutivo no sentido de apontar para uma reação razoavelmente frequente do entrevistador que conduz um trabalho de História Oral. Não há uma dicotomia fácil: entrevistador (sujeito ativo), entrevistado (sujeito passivo). O entrevistador pauta e é pautado. Trata-se, na verdade, de um processo bidirecional e complexo. Makiya evidencia este processo no trecho que destaco a seguir:

Men like Abu Haydar had lived, eaten, and emptied their bowels in the same room, at the same time, possibly even in front of one another. They had done this occupying someone else's house in someone else's city.

What kind of men are these? I thought to myself. Khalil must have had a similar thought because he looked at me with an intensity that left me feeling distinctly uncomfortable. “They did the same all over Kuwait,” he said. (MAKIYA, 1993, p.32.)

É com interesse, igualmente, que notamos as imagens mentais e a linguagem utilizada por Khalil na descrição do que havia ocorrido com o seu país, durante a ocupação iraquiana. Duas expressões são dignas de nota. Em primeiro lugar, Khalil evoca a imagem de um estupro, para se referir ao que ocorrera com seu povo nas mãos das tropas de Saddam. Trata-se, claro, de uma imagem das questões daquele momento por si só suficientemente eloquente. A segunda imagem utilizada por Khalil é, na verdade, uma analogia com uma pintura de Dalí. Seu argumento é o de que, tal qual o surrealismo das pinturas de Dalí, a condução da ocupação iraquiana não obedeceu a critérios estritamente lógicos ou racionais. Ao contrário, se configurou naquilo que ele chamou de uma “criatividade depravada” (*sick creativity*, no original). Como Khalil argumenta:

The whole thing was violence for the sake of violence, destruction for the sake of destruction and killing for the sake of killing. The country has been literally sodomized. A new word should be coined for what was done to Kuwait: “Saddamized.” Yes, Kuwait has been Saddamized. Imagine a surrealist painting by Salvador Dali of death and violence. We human beings have these brutal deposits in our minds, tens of thousands of years old. Primeval forces still subliminally there, which act upon us from time to time. How could a human being think up something like that, I ask myself, in front of Dali’s paintings. Some of the images can really hit you in the stomach. As much as there is creativity, there is also sickness. Sick creativity. Yes, that was the force that was at work in Kuwait during the occupation. (MAKIYA, 1993, p.32.)

Como Makiya afirma: “During the interview I came to realize just how much the experience of occupation can change a person. Khalil is no longer the man he was.”

É importante atentarmos para um aspecto em específico da entrevista que Khalil concede a Makiya. Refiro-me aqui às constantes remissões do entrevistado a aspectos sensoriais do trauma vivido. Isto é, há constantes menções a odores, cores e texturas. Em um plano sinestésico, há um sem-número de variáveis que atuam como “gatilhos” de ativação de conteúdos inconscientes. O cheiro, por exemplo, é um deles. Como Khalil recorda do período imediatamente posterior à liberação do Kuwait:

**[TRAUMA E MEMÓRIA: ALGUMAS NOTAS SOBRE *CRUELTY AND SILENCE (WAR, TYRANNY, UPRISING AND THE ARAB WORLD)* \* GABRIEL ROMERO LYRA TRIGUEIRO**

The first thing that hit me as soon as I got out of the car was the smell. Something like napalm, like burning. Organic and not organic at the same time. During the entire occupation, even before the oil fields were set on fire, there was a foul smell pervading the country. I remember it being particularly strong during the months of January and February, to the point that I took to using large quantities of aftershave lotion to get rid of it. Here in the Mutla', this smell slapped you like a heat wave in the face. Something rancid and decaying a mixture of burning tires, rotting corpses, a stench too powerful for words. (MAKIYA, 1993, p.36.)

É interessante notar a utilização da expressão “too powerful for words”, no depoimento de Khalil. Atesta as claras limitações da linguagem ao lidar com episódios traumáticos<sup>8</sup>. É imperativo, portanto, recorrer a sensações e a outros tipos de repertórios mentais. Também é possível formular questões importantes com relação à metodologia empregada por Makiya, ao conduzir sua entrevista com Khalil. Makiya afirma que quando foi entregar à Firyal, sua assistente, as fitas com o conteúdo da entrevista feita, de imediato ela questionou se era possível modificar as palavras usadas por Khalil. Em um primeiro momento, Makiya foi inflexível quanto sua ideia de deixar inalterada a linguagem utilizada por seu entrevistado. No entanto, julgou por bem indagar o que havia motivado a pergunta de sua assistente. Firyal mencionou seu incômodo com relação à descrição do mau cheiro sentido por Khalil, ao andar em Mutla', após a liberação. Segundo ela, tratava-se de algo recorrente a população do Kuwait se referir aos iraquianos como pessoas que possuíam um cheiro desagradável. Quando Firyal discorre a respeito, acaba resvalando em uma importante *questão de gênero*. A propósito, é interessante notar que ao rememorar uma situação-limite, o episódio recordado não é impermeável às influências de variáveis externas. Isto é, a memória de uma situação traumática não está suspensa em um éter “acultural” e “a-histórico”. Ao contrário, *cultura* e *história* são variáveis que exercem uma influência significativa na construção, modificação e utilização da memória. Adiante, Makiya conclui que sua atitude inicial de lidar com a questão do odor de modo meramente biológico, provavelmente deveu-se ao fato dele próprio possuir uma perspectiva excessivamente “ocidentalizada”. Isto é, os aspectos culturais e históricos foram negligenciados e uma

---

<sup>8</sup> Neste sentido também é interessante ler a trajetória do advogado polonês Raphael Lemkin, tão bem contada em POWER, Samantha. *Genocídio: A Retórica Americana em Questão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. Diante do “indizível”, Lemkin julgou apropriado criar uma palavra nova que fosse capaz de expressar o que julgava ser um terror inaudito – daí cunhou o termo genocídio: raiz grega *génos* (tribo, família ou raça) e o radical latim *cidium* (matar).

série de significações possíveis acabou por lhe escapar em um primeiro momento. Como ele mesmo narra:

The worst thing that a bodily fluid can do is to exude an unpleasant odor. Firyal was seeing through the apparent neutrality of physical biology into the complicated world of cultural meanings and hidden connotations. I, on the other hand, had become too westernized and no longer appreciated a whole symbolic language, capable of very fine degrees of differentiation, all to do with the importance of how something smells. Khalil's bodily reactions had summoned up the whole range of complicated feelings that eat away at all occupying and occupied peoples: humiliating justifications, threatened identities, wounded pride, feelings of shame and guilt, the desire to get even. His taped words had evoked the prejudices associated with these feelings, not the mere biological fact of an olfactory sense. (MAKIYA, 1993, p.42.)

Podemos, além disso, passar ao segmento no qual Makiya destaca propriamente o ocorrido:

The smell. Firyal was shaken and deeply offended because even "Professional and very educated Kuwaiti people accuse us Iraqis that we smell." She reminded me of the Kuwaiti women who used to call in to Spectrum International, the Arabic broadcasting station in London established after the occupation of Kuwait. They would go on and on about the "horrible Iraqi smell" that was pervading their country. The stench got worse as the occupation proceeded, and it came "from the Iraqi invaders themselves." Firyal was convinced that Khalil was not really talking about rotting corpses or burning tires. Nothing I could say would change her mind. Khalil was talking about "us," she insisted, looking me right in the eye. In effect, he was saying "we" smelled. Was I aware of the fact that Kuwaitis were forever crossing over the border to pick up Iraqi women in Basra? Their sole purpose in coming was to "mess about" with Iraqi women. Such issues were on many Iraqi minds in the immediate aftermath of the invasion. Men in particular felt that their honor was at stake, especially after Saddam said in a speech, by way of justifying his action, "al- 'Iraqiyya al-majida saret ib-dirham lil-Kuwaiti" (To the Kuwaiti, the glorious Iraqi woman goes for a nickel). (MAKIYA, 1993, p.39.)

É irônico Saddam ter se referido naquele momento de forma tão benevolente às mulheres iraquianas e, no entanto, empregar o estupro destas como mecanismo de repressão perpetrado pelo aparelho de Estado. Makiya discorre, por exemplo, a respeito de 'Aziz Salih Ahmad, um funcionário do órgão de segurança nacional iraquiano. Como o autor evidencia, a atividade profissional exercida por 'Aziz, tal qual descrito em sua identificação, era "violation of Women's Honor". (MAKIYA, 1993, p.288.) Makiya argumenta que a crueldade perpetrada no Iraque pelo regime Baath assumia

frequentemente duas faces: uma *pública* e outra *privada*. A questão do estupro, por exemplo, normalmente se relacionava a uma crueldade circunscrita a um foro íntimo. A vítima desaparecia por algum tempo, era violentada e normalmente apenas os familiares mais próximos tomavam conhecimento do ocorrido. A fim de compreender o emprego de tamanha crueldade por parte das forças de segurança iraquianas, Makiya tece uma hipótese algo interessante. Segundo ele, os aspectos culturais da sociedade árabe deveriam ser levados em consideração se estivéssemos empenhados em entender o porquê daquele *modus operandi* adotado pelo regime Baath. Segundo o autor:

The answer unfortunately does not reside solely in Saddam Husain's nastiness, which is what all Iraqis —including myself— would like to believe; it resides in a marriage between his kind of evil and one of the most hallowed assumptions of Arab cultural identity, the secret of which is captured in the phrase “violation of women's honor.” ‘Aziz Ahmad's employers are “violating” something that they officially describe as “honor.”

The honor of a family is perceived in Arab-Islamic culture to be located in the bodies of the woman of that family, in their virginity first and foremost, but also in the clothes that woman wear, in the modesty with which they deport themselves. (...) He is not being paid to satisfy his own lust or (to extract information from them, for instance). He is being paid to dishonor an entire family name. (MAKIYA, 1993, p.288-289.)

Ainda com relação ao repertório imagético de Khalil, no que diz respeito à rememoração de seu trauma durante a ocupação iraquiana no Kuwait, vale destacarmos uma fala em especial. A situação descrita refere-se à execução de três jovens kuaitianos, suspeitos de fazer parte da Resistência que se opunha ao Iraque. Os três foram mortos e tiveram seus corpos empilhados na via pública, a fim de servirem como exemplo. Trata-se mais uma vez de uma narrativa “poderosa demais para palavras”. Não é por outra razão, afinal, que Khalil recorre novamente a um exemplo artístico capaz de ilustrar adequadamente aquilo que estava rememorando. Segundo ele:

I was struck the most by the one on the top. He was very dark-skinned. A red and pinkish-white blob covered his head. But you couldn't tell exactly where it was coming from. Eventually I realized it was his brains which must have slowly oozed out. The problem was I couldn't take my mind off the contrast between the pinkish-white and the almost black skin color; it reminded me of the rosy cheeks in a Renoir painting and the way they always seem to jump out at you from the background. But how could I think of a Renoir painting at a time like this! It probably says something terrible about me. I don't know. (MAKIYA, 1993, p.40)



É interessante quando Makiya passa à análise da reação dos intelectuais árabes à invasão iraquiana do Kuwait. Ele menciona, por exemplo, o argumento de Moncef Marzouki – presidente da *Tunisian Human Rights League*. Segundo Marzouki, a maioria esmagadora da população árabe odiava o Kuwait. Tratava-se, para ele, de um regime “ditatorial e arcaico” que há tempos tirava proveito da honra árabe e de seus recursos naturais. Para Marzouki, era precisamente estas características que explicavam (e no limite, *justificavam*) as demonstrações pró-Iraque em países como Egito, Argélia, Líbia e a própria Tunísia. É ainda Marzouki quem define o regime do Kuwait como sendo “the most antidemocratic and anti-human rights of regimes that goes so far as to refuse women their right to drive, carried at arm’s length by the noble Western democracies...”. Não restam dúvidas de que o regime político no Kuwait era hostil às mulheres. Todavia, propor uma simetria moral, ainda que oblíqua, entre um regime que proibia mulheres de dirigir, e outro que empregava o *estupro* como forma oficial de repressão é, para utilizar um eufemismo, no mínimo leviano. Makiya argumenta:

Politics aside, there was an extraordinary lack of empathy on the part of many Arab intellectuals with the plight of the Kuwaitis during the Gulf crisis. “Kuwaiti is not important,” wrote ‘Abdel-Rahman Munif, an important Arab novelist most famous for his *Cities of Salt*, which is about the very Gulf Arabs he thinks are not important. Others waxed eloquent about how Kuwaitis were “wastrels” and “corrupt”, their state an “imperialist creation,” “archaic” and “historically illegitimate,” even though these same Kuwaitis had not yet killed in such large numbers as the supposedly more cultured Arabs of Syria, Iraq, and the Lebanon. Kuwaiti was pilloried and ridiculed as if every other state in the region were more legitimate and less corrupt. “Prejudice” is the only word to describe how many Arabs felt toward Kuwaitis even as their country was being invaded and sacked. (MAKIYA, 1993, p.43)

Ao fim da entrevista com Khalil, Makiya chegou a algumas conclusões importantes. Por exemplo, estava claro que seu entrevistado havia passado por uma experiência transformadora. Após a ocupação iraquiana do Kuwait, Khalil passara a enxergar o mundo e a si mesmo sob outra ótica. Ao menos era essa a percepção de Makiya. É por conta disso, inclusive, que ele argumenta a respeito de seu interlocutor: “It became clear during our conversation that he had grown more in touch with his feelings, more aware of himself, in the course of the Iraqi occupation.”

É de particular interesse o relato de Khalil sobre seu estado psicológico após a retirada das tropas iraquianas. Além disso, cabe ressaltar o reflexo no seu corpo da

miríade de emoções e estados mentais experimentados, desde alterações de peso a mudanças no desejo sexual. Como Khalil recorda:

My body weight dropped by fifteen kilos in the first weeks of occupation. During the whole seven months, feelings of violence were rising up in me. The sexual urge multiplied maybe tenfold over what it was before. On February 26, 1991, the day Kuwait was liberated, I experienced other new emotions all at the same time and at the same high pitch of intensity: happiness. Anger, revenge, sorrow, hatred, euphoria, extreme pleasure. I don't think there will be in the future, in my personal experience, another moment in time to match the concentration and number of emotions which I felt in al-'Alam Square on that day, a day I will never forget for the rest of my life. (MAKIYA, 1993, p.52)

Posteriormente Khalil revelou seu verdadeiro nome a Makiya: Khaled Nasser al-Sabah. Seu pseudônimo fora adotado durante a ocupação. A justificativa residia no fato dele próprio ser membro da família mais influente e abastada de seu país. Algo digno de nota é a semelhança de trajetórias intelectuais e políticas entre entrevistador e entrevistado. Uma hipótese é que resida aí um fator geracional a criar um ponto de convergência. Ambos tiveram um passado de militância política na esquerda universitária. Ambos flertaram com as organizações pós-1967 de resistência palestina. Ambos estudaram no Ocidente. Quando em 1989 Khaled/Khalil obteve acesso a uma cópia de *Republic of Fear*, ele logo passou o livro adiante para seus amigos. Nesta época, entretanto, apenas umas poucas pessoas tiveram acesso a obra de Makiya. Quando os tanques iraquianos adentraram a cidade de Khaled, logo ele percebeu que uma nova identidade deveria ser forjada – tendo em vista o fato de ser ele um membro da família mais poderosa de seu país. A primeira opção de pseudônimo que lhe ocorrera foi algo inspirado no escritor de *Republic of Fear*, Kanan Makiya, que até aquele momento só era conhecido por seu pseudônimo: Samir Al-Khalil.

Voltando à questão da política de silêncio examinada por Makiya, há outro ponto de grande interesse em sua argumentação que creio ser importante destacar. Trata-se aqui da análise que o autor faz com relação à questão palestina e à reação de intelectuais árabes à ocupação iraquiana do Kuwait. O autor enuncia:

The very same Arab intellectuals who, in their writings and sentiments, pillory “feudal” and “archaic” Gulf Arabs like Khaled, and “artificial” “imperialist” creations like Kuwait, are responsible for having elevated “Palestinianness” to the status of a myth of victimhood in Arab culture. Palestinians are no longer real people in the Arab imagination; they have been turned into symbols of Arab suffering in all its manifold forms. No

other Arab has suffered as much, the myth reads, and so all other varieties of suffering —Iraqi, Kuwaiti, Kurdish—are subordinate to it. (...) After August 2, 1990, and during the occupation, Palestinians in Jordan and the West Bank in particular acted out this myth by finding their salvation in the person of Saddam Husain; in Kuwait some even collaborated with the Iraqi regime in their “liberation.” This episode left behind new layers of prejudice and pent-up hatreds for which many people, especially Palestinians, are still paying the price. A new stereotype was born: that of the Palestinian-as-collaborator. Real life, however, is always more complicated. (MAKIYA, 1993, p.53)

O interessante, entretanto, é que Makiya não sucumbe ao apelo fácil de estereotipar a posição pró-palestina. Quando argumenta que determinados setores simpáticos à causa palestina adotaram uma posição acrítica (quando não apologética) quanto ao regime de Saddam, ele é criterioso em evidenciar que se trata de um fenômeno impossível de ser generalizado. Identificamos, felizmente, honestidade intelectual na análise de Makiya. A parte jamais é tomada pelo todo. Isso fica claro quando o autor menciona um episódio rememorado por Khaled Nasser al-Sabah:

I went out to get some water. There was a severe shortage. The tanker’s driver was a Palestinian. He seemed to be a religious man for he suddenly started praying in the middle of the street. It was two weeks before liberation. The man said, “Please, get inside right now. Don’t ever come out into the street.” I asked why he was saying this. “I heard that the Iraqi army has orders to pick up young Kuwaitis. You’ll fit the bill. Don’t tell anybody I said this.” Later, I found out what the man said was true. My friend, Humoud, was picked up on February 21. (MAKIYA, 1993, p.53-54.)

Além disso, Makiya aborda outro relato narrado por Khaled no qual fica claro que a posição pró-Iraque estava longe de ser unânime entre palestinos. Muitos condenaram inequivocamente a invasão iraquiana do território do Kuwait. Ademais, aqui cabe um parêntese. O episódio destacado a seguir é interessante não somente por demonstrar a pluralidade de posições existentes entre os palestinos. A meu ver interessa, sobretudo, a ilustração de como nossa memória procura analogias históricas e age de modo relacional, isto é, um dado episódio raramente possui qualquer valor imanente. Ao contrário, mensuramos os eventos de acordo com outros eventos – sejam eles similares ou díspares. A invasão do Kuwait, por exemplo, pode acionar determinados gatilhos inconscientes e, como no caso a seguir, pode se converter em material análogo à expulsão dos palestinos do território hoje ocupado pelo Estado de Israel. Talvez meu argumento fique mais claro com a ilustração do trecho que segue:

**[TRAUMA E MEMÓRIA: ALGUMAS NOTAS SOBRE *CRUELTY AND SILENCE (WAR, TYRANNY, UPRISING AND THE ARAB WORLD)* \* GABRIEL ROMERO LYRA TRIGUEIRO**

Another Palestinian, Hanan, a Young woman who was born and brought up in Kuwait, stood by Khaled even more forcefully. In the panic that accompanied Saddam Husain's initial invasion, Hanan kept on recalling the stories of her grandmother in 1948 scrambling up and down Palestinian hills escaping from the Haganah —the Jewish underground army—carrying her daughter, Hanan's mother. Those memories fortified her, because when Khaled, who was in love with her, wanted to know if she was going to flee Kuwait, her first thought was: The Iraqi army is not going to make me run away. (...) Her attachment to Kuwait, and to Khaled, grew with the occupation. "For the first time in my life, I felt that this was my country. In the first days of occupation, I was in a state of pure love with the place. Khaled would not think of leaving it, and day by day I could see him metamorphosing into Khalil. The Palestinian in me felt herself identifying intensely with a raped land and falling in love at the same time with Khalil. That love made me capable of anything." (MAKIYA, 1993, p.54)

A resposta à invasão iraquiana do Kuwait, todavia, redundou em consequências negativas imprevistas. Os bombardeios da Guerra do Golfo liderada pelos EUA chamaria a atenção do mundo para um terror inaudito: o trauma de guerra infantil. De acordo com Makiya:

The effects of the Gulf war will live on in those children who survived the bombing, the vengeance of the regime, and the ravages of disease and malnutrition. Two psychologists who were part of the International Study Team mentioned previously, and who specialized in the field of childhood traumas, conducted in depth interviews with 214 Iraqi children of primary-school age. They came to the astounding conclusion that "Iraqi children are the most traumatized children of war ever described." They found levels of anxiety, stress, and pathological behavior unprecedented in their fifteen years of field work in war-torn countries like Mozambique, Uganda, and Sudan. The symptoms described in their report range from "deep depression" to "lack of life." The children were twisted up inside with grief, sadness, and desperate fear. Eighty percent of those interviewed lived in daily fear of losing their families through death or separation; nearly two thirds did not believe they would make it to adulthood. The report concludes: "Even in the worst-affected areas of war-torn Mozambique, children were still playing and behaved like children. The children in Iraq reminded the authors of the descriptions of the 'living dead' from the aftermath of the bombing of Hiroshima." (MAKIYA, 1993, p.204)

Trata-se de um argumento que, inequivocamente, potencializa a tese geral de Makiya: isto é, a de que os EUA contraíram um "débito moral" incalculável com o povo iraquiano, a partir do advento da Guerra do Golfo da década de 1990. Além disso, é claro, Makiya igualmente aponta para o que classificou como a omissão dos intelectuais (árabes e ocidentais) acerca das consequências diretas e indiretas desta guerra.

## Considerações finais

Devemos agora retornar ao que o autor chamou de “política de silêncio”. Em que pese as atrocidades cometidas pelo regime Baath (tanto domesticamente quanto no plano externo), Makiya argumenta que poucos intelectuais árabes se insurgiram quanto aquele estado de coisas. Para exemplificar a postura intelectual que condena, ele cita, por exemplo, o famoso livro escrito por Edward Said: *Orientalismo*. Segundo Makiya, a importância da análise dos argumentos contidos em *Orientalismo* reside, sobretudo, no fato de que o livro de Said influenciou um sem-número de obras que surgiram em seguida. De acordo com Makiya:

Orientalism as an intellectual project influenced a whole generation of young Arab scholars, and it shaped the discipline of modern Middle East studies in the 1980s. The original book was never intended as a critique of contemporary Arab politics, yet it fed into a deeply rooted populist politics of resentment against the West. The distortions it analyzed came from the eighteenth and nineteenth centuries, but these were marshaled by young Arab and “pro-Arab” scholars into an intellectual-political agenda that was out of kilter with the real needs of Arabs who were living in a world characterized by rapidly escalating cruelty, not ever-increasing imperial domination. The trajectory from Said’s *Orientalism* to his *Covering Islam: How the Media and the Experts Determine How We See the Rest of the World* is premised on the morally wrong idea that the West is to be blamed in the here-and-now for its long nefarious history of association with the Middle East. Thus it unwittingly deflected from the real problems of the Middle East at the same time as it contributed more bitterness to the armory of young impressionable Arabs when there was already far too much of that around. (MAKIYA, 1993, p.317-318.)

Makiya argumenta que Said e diversos intelectuais frequentemente incorreram em um mesmo equívoco: *superestimar* a influência do Ocidente. Referindo-se sobretudo aos EUA, o autor enumera o que crê representar o inequívoco declínio gradual do poder norte-americano de ingerência no sistema internacional. Como o autor recorda:

There is an aging, declining West out there, not a crusading, imperial one. American foreign policy had been decisively defeated in Vietnam, routed by Khomeini in Iran, and seemed to have been made by buffoons in the Lebanon (when a lone suicide bomber dispatched more than two hundred Marines in one blow). Israel had been forced out of Egypt. Iran was “lost” to the West for a whole historical period. Arab financial power was without precedent. In these conditions, the most interesting intellectual question to reflect upon was no longer how omniscient and omnipotent American power was in the world, but how ineffectual it had become

when it did do something (which was rare) in the face of the intractability of the problems of the politically independent countries of Middle East. The classic instance of this, ironically, is the Gulf war –a war financed by Arab states to resolve an inter-Arab conflict. (MAKIYA, 1993, p.318)

Há que se destacar, entretanto, que Makiya incorre em uma falácia facilmente identificável. No argumento acima destacado, o autor se ocupa em tomar resultados finais de determinados episódios históricos em detrimento da compreensão do processo em sua totalidade. Isto é, é como se ele tomasse a parte final pelo todo. Makiya quer argumentar que o Ocidente (os Estados Unidos, especificamente) não exerce o acentuado grau de influência no Oriente Médio que alguns intelectuais árabes creem exercer. A fim de dar sustentação à sua tese, o autor recorre a alguns exemplos históricos. Todavia a questão é algo mais complexa do que ele supõe. Por exemplo, mencionar a derrota dos EUA no Vietnã e a Revolução Iraniana não dá conta de responder ao seguinte questionamento: Se a ameaça que os Estados Unidos representam no plano internacional é de fato superestimada, o que explica a Guerra do Vietnã? Uma guerra que durou 20 anos e que gerou mais de 2 milhões de mortos dificilmente poderá ser tomada como algo banal. Quanto ao Irã, de fato a Revolução Iraniana deu um novo direcionamento ao relacionamento mantido com os EUA. Todavia Makiya ignora em sua análise o *status quo* pré-revolucionário. Por que o autor não discorre a respeito do regime xá Reza Pahlavi? Um regime, como sabemos, que durou quase quarenta anos e que contou, ainda, com a simpatia e apoio norte-americanos. Tomar a retirada norte-americana do Vietnã (em 1975) e realinhamento do Irã (em 1979) como um sinal do declínio dos EUA é uma compreensão equivocada dos processos históricos.

É até compreensível, e algo louvável, o esforço empreendido por Makiya no sentido de persuadir intelectuais árabes a assumirem a responsabilidade moral pelo destino de seus países. É sempre contraproducente tomar a trajetória histórica de um Estado ou região como mero reflexo de políticas externas imperialista. O dualismo sujeito-passivo, sujeito-ativo é um modo reducionista de se enxergar as coisas. O problema, no entanto, é que Makiya parece combater aqueles que superestimam o papel do Ocidente, minimizando excessivamente o papel exercido por ele ao longo de boa parte do século passado. Ademais, o autor imputa algumas características distintivas à obra de Said, mas, no entanto, não se alonga propriamente em qualquer argumento que seja. Ora, se Makiya pretendia sustentar que os argumentos de Said são representativos

de uma determinada mentalidade nociva da *intelligentsia* árabe, caberia então um exame menos superficial e de caráter mais minucioso.

Em que pesem as críticas possíveis, *Cruelty and Silence* é uma leitura muito interessante. Trata-se de uma obra muito informativa – a presença dos testemunhos árabes e curdos, na primeira parte do livro, é tocante e extremamente rica. Se a ideia é compreender o *modus operandi* do antigo Partido Baath iraquiano, trata-se inegavelmente de uma obra de referência. Mesmo a segunda parte do livro, na qual Makiya recorda a postura de alguns intelectuais, e, para fins retóricos, exagera no tom, é lida com grande interesse. Recordei bastante da história intelectual da França pós-libertação, feita pelo falecido historiador inglês Tony Judt: *Passado Imperfeito*. Não é arriscado dizer que os dois autores possuem a mesma conjunção de talento para a polêmica com talento literário. Ademais, ambos tratam do mesmo assunto: a responsabilidade moral de intelectuais na criação de uma determinada narrativa de memória.

Recomenda-se, além disso, a visita ao *site* da fundação *The Iraq Memory Foundation*<sup>9</sup>, criada por Makiya.

Para a precisa compreensão acerca do Iraque anterior e posterior à derrubada de Saddam, é imperativo que se dê a devida atenção ao trabalho que vem sendo levado adiante por Makiya nas últimas décadas.

## Referências Bibliográficas

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

JELIN, Elizabeth. *Los trabajos de la memoria*. Ed. Siglo XXI, 2001.

MAKIYA, Kanan. *Cruelty and Silence: War, Tyranny, Uprising, and the Arab World*. United States of America: W. W. Norton & Company, 1994.

<sup>9</sup> Disponível em: <http://www.iraqmemory.org/en/about.asp>

Acessado em: 24 de janeiro de 2012. Trata-se de um centro de preservação da memória iraquiana que reúne um sem-número de depoimentos individuais acerca do terror perpetrado pelo regime Baath. Possui divisões de pesquisa, documentação e História Oral. Segundo o descrito no *site*, o objetivo de sua criação foi reunir tantos relatos de vítimas quanto possível, para, logo em seguida, dispor este material em um museu que trabalhasse integradamente com os sistemas de ensino público básico e superior do Iraque. Nada diferente do que conhecemos como “dever de memória”, portanto. Inicialmente o *Iraq Memory Foundation* surgiu como um passo seguinte ao *Iraq Research and Documentation Project* (IRDP) – fundado por Makiya no *Center of Middle East Studies*, na Universidade de Harvard, em 1992. Com a queda de Saddam, em 2003, o IRDP passou a se localizar em Bagdá. Logo em seguida se tornaria o *Iraq Memory Foundation*.

**[TRAUMA E MEMÓRIA: ALGUMAS NOTAS SOBRE *CRUELTY AND SILENCE (WAR, TYRANNY, UPRISING AND THE ARAB WORLD)* \* GABRIEL ROMERO LYRA TRIGUEIRO**

\_\_\_\_\_. *Republic of Fear: The Politics of Modern Iraq*. California:  
University of California Press, 1998.

POLLAK, Michael. “Memória e identidade social”. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.

POWER, Samantha. *Genocídio: A Retórica Americana em Questão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.